



DAVI CÉSAR
YOHANA CAPIBARIBE

MIRA

CRÔNICAS E MEMÓRIAS
DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO
DE FORTALEZA



**HOSPITAL
MIRA Y LÓPEZ**

MIRA

CRÔNICAS E MEMÓRIAS
DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO
DE FORTALEZA

DAVI CÉSAR
YOHANA CAPIBARIBE

Que este trabalho seja alento para a preservação da memória da nossa Fortaleza.

À minha mãe, Cláudia, e ao meu pai, Júlio César. Com esforço, ambos proveram minha educação e, com entusiasmo, celebram cada conquista.

Ao cantinho de luz que ilumina até os dias mais nebulosos, Yohana Capibaribe: amada, companheira e co-autora deste livro.

A todos os amigos e amigas da Universidade Federal do Ceará e da vida que nos estimulam e fazem votos de sucesso.

Davi César

Mamãe sempre disse que precisamos fazer três coisas na vida: plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. Já se foram duas árvores e, bom, este é o primeiro livro.

À mamãe, Gigi, Zezé, Neto, Clea, Yan, Carol, Júlia, Shamy, papai e avós. Minha família sempre presente.

E, ao meu bem querer, Davi César, que é meu companheiro em tudo, inclusive, neste projeto.

Yohana Capibaribe

Copyright © 2021 Davi César e Yohana Capibaribe
Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Instituto de Cultura e Arte (ICA)

Diretor do ICA

Prof. Dr. Marco Túlio Ferreira da Costa

Coordenadora do Curso de Jornalismo

Profa. Dra. Kamila Bossato Fernandes

Autores

Davi César Batista Soares

Yohana Carlos Capibaribe

Orientador

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa

Projeto gráfico, capa e diagramação

Julião Jr.

Ilustrações

Faruk Segundo

1ª Edição

Fortaleza, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S652m Soares, Capibaribe, Davi César Batista, Yohana Carlos.

Mira : Crônicas e Memórias do Hospital Psiquiátrico de Fortaleza / Davi César Batista, Yohana Carlos

Soares, Capibaribe. – 2021.

250 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e

Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa.

1. Hospital Psiquiátrico. 2. Saúde Mental. 3. Luta Antimanicomial. 4. Psiquiatria. 5. Fortaleza. I.

Título.

CDD 070.4

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
INÍCIO DE TUDO	18
NO CORAÇÃO DO BENFICA	36
“PEGA O DOIDO E LEVA PRO MIRA Y LÓPEZ”	66
TRATAMENTO DE CHOQUE	92
A ARTE QUE PREVALECE	116
UM MÉDICO INESQUECÍVEL	138
IMPACTOS DA REFORMA	156
OS ÚLTIMOS ANOS DO MIRA	190
SOB ESTA PEDRA	212
POSFÁCIO	241

INTRODUÇÃO

Foi em nossa infância, já tão cheia de medos e receios que a advertência chegava de avós, pais, tios, tias, vizinhos. “Olhe, olhe, que assim você vai parar no Mira y López... Deixe de loucura”. Antes de sabermos ao certo qualquer conceito sobre saúde mental e transtornos psíquicos, já aprendemos que lugar de “louco” é no Hospital Mira y López (HML).

Crescemos mais um pouco, entendemos que o sofrimento psíquico não é nenhuma brincadeira e que não poderia, portanto, ser simplificado essa ideia de ser “doido” que nos foi colocada na cabeça com o discurso despretensioso dos que nos cercavam. Um discurso social construído por um contexto profundo e de complexa compreensão.

O Mira continuava lá, carregando um certo misticismo e nos despertando curiosidade durante as andanças que fazíamos ainda crianças, acompanhados de nossos pais, pelo bairro Benfica, onde se encontra a Avenida da Universidade, endereço do hospital.

Um pouco mais velhos, aprendemos o que era um manicômio. Também começávamos a ficar um pouco mais atentos às movimentações da Luta Antimanicomial. Já na Universidade, enquanto estudantes de Jornalismo, o Mira já não estava mais lá. Mas, o fascínio que tínhamos por suas histórias permanecia.

O encanto pela saúde mental, temática que ambos temos afinidades, não foi o nosso primeiro critério de escolha para a produção de um livro-reportagem. Antes, palpitava no coração o desejo de contar a(s) História(s) de Fortaleza. Queríamos mergulhar no passado da nossa cidade e, sobretudo, narrar percursos e experiências de pessoas que fazem esse lugar. Queríamos, por meio deste material, resgatar pelo menos uma pequena fração de uma metrópole tão repleta de

narrativas, mas tão sem memória.

O hospital psiquiátrico ao lado da Igreja dos Remédios demonstrava orbitar em torno de todos esses pré-requisitos. Tradicional, o equipamento tem profunda relação com a história do município e, até hoje, mesmo após quase uma década desde a sua extinção, está vivo na cultura popular cearense.

Nesta jornada de investigação, compreendemos a riqueza da história da “loucura” no Ceará, como foi o processo de criação das primeiras políticas de assistência à saúde mental e como se deu a profunda transformação desse sistema no decorrer dos anos.

Além de uma unidade psiquiátrica, desvendamos a magnitude histórica daquele território situado na Avenida da Universidade, 3056, antes mesmo do hospital sonhar em existir. Se, até então, o lugar é reconhecido pela memória coletiva por ser abrigo dos ditos loucos, antes o endereço já representou o seio da religiosidade fortalezense, representada pela Casa de Missões dos padres lazaristas e, outrora, também já fora concebido como um dos lugares de maior ostentação da elite da recém-modernizada Fortaleza, casa da Família Amaral, que definiu o conceito do “Bem-ficar”.

O primeiro hospital psiquiátrico do estado foi o Asilo de Alienados São Vicente de Paulo, inaugurado em 1886, na Parangaba. Naquele tempo, havia uma percepção de higienização, de separação dos ditos doidos, dos pobres e de outros grupos que não se encaixavam na sociedade da época. Manicômios eram propositalmente construídos fora do que era considerada a “cidade” de Fortaleza, longe do epicentro urbano dos comércios e vilas. Isto era a política pública predominante.

Quando fundado, o Mira y López já pertencia a uma geração bem diferente do que a estabelecida no século XIX. A idealização dos médicos e sócios Leão Santiago, José Glauco e Roberto Lobo era ter um hospital psiquiátrico com métodos diferentes dos preponderantes na época.

Queriam aproximar os pacientes da comunidade, inserir a arte nos

cuidados mentais, estimular o conhecimento e a capacitação técnica entre os profissionais que lá trabalhavam. A ideia foi posta em prática com a adoção e implementação das comunidades terapêuticas na instituição, durante a década de 1970.

Com a Crise da Previdência, na década de 1980, o Mira y López passou a ter dificuldades financeiras e, assim, precisou racionalizar custos. A redução de despesas afetou a todos os projetos que faziam da instituição progressista.

Funcionária do hospital a partir deste período, Ana Jeceline chegou no hospital como estagiária. Para a estudante de psiquiatria, mesmo em meio a muitas dificuldades, imperava o espírito de equipe no hospital. Na instituição, considera que formou uma família. Quando descreve profissionalmente o Mira y López, relembra como um local que foi Escola.

Enquanto Jeceline ingressava na instituição como jovem estagiária, Lili e Rose adentravam como jovens internas, todas no mesmo período. Conversamos com as duas ex-pacientes. Foram atendidas pela primeira vez no Mira y López quando ainda eram pré-adolescentes. De fala singela e semblante cândido, Lili carrega no olhar distraído inquietações e martírios, lembranças das internações que nunca mais quer mais repetir. Rose enxerga o mundo com olhar mais rígido. A casca é forte, mas as dores das privações ainda são latentes.

As mágoas e os efeitos do confinamento ainda estão presentes em muitos ex-pacientes. Há os que preferem esquecer, como Sandra Jaqueline e Dimas Mateus. Os dois são artistas, cada qual com sua forma de expressão. Inclusive, foi a entrega para a arte que os distanciou dos hospitais psiquiátricos. Seguiram.

Neste trabalho, pela perspectiva do Mira, compreendemos haver pessoas no mundo capazes de mudar o rumo do meio em que vivem. Quando falamos destes agentes de transformação, podemos citar as trajetórias do médico Airtton Monte, sempre disposto a se doar pelos pacientes, e da terapeuta ocupacional Tereza Leopoldina, que

acompanhou a última turma de internos do hospital até o fim.

Nestes e em outros relatos e memórias que perpassam o Mira, vivenciamos momentos de dor e de mudanças. Uma das grandes transições foi no início dos anos 2000, quando aprovada a Lei.10.2016, que dava as diretrizes para Reforma da Saúde Mental. Para alguns funcionários da instituição, a nova legislação precisava existir, mas também ocasionou o sufocamento de verbas e, por fim, o fechamento do Mira.

Apesar da seriedade dos gestores que conduziam o funcionamento do Mira, o próprio modelo em que o hospital estava inserido padecia com o tempo. Parecia estar cada vez mais deslocado da realidade que pouco a pouco havia se modificado com muita luta de grupos reformistas.

O Mira y López foi fechado em agosto de 2012. Funcionários ficaram sem emprego, enquanto pacientes voltaram para casa ou foram transferidos para outras unidades de saúde. Para alguns, o fechamento foi necessário, já para outros, uma crueldade. As ambivalências e os contrastes serão símbolos presentes em toda essa trajetória que aqui será contada. Em março de 2013, a idealização dos três psiquiatras fundadores foi ao chão. Demolida, reduziu-se a pó.

Ouvimos relatos de alguns que viveram intensamente, outros que somente conheceram e, ainda, os que só passaram perto daquele hospital psiquiátrico localizado nos arredores dos bares, do shopping, da igreja e dos centros acadêmicos.

O que une a todos são os causos que envolvem o Mira y López e que estão guardados na memória. Sejam positivas ou negativas, sempre há algo marcante do hospital. Impossível ser indiferente a essas instalações que perduraram por quase 44 anos. O Mira é um personagem cearense com um universo complexo e cheio de dualidades. Vamos adiantando: trazemos hipóteses, mas não respostas. Fica a cargo de você, leitor, nos dizer que tipos de significado essa história traz.

